ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

Gislaine Regina Pozzetti*

Compreendendo a Extensão Universitária como um ateliê de intercâmbios

Understanding University Extension as an exchange studio

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a proximidade da Extensão Universitária em Arte, a sala de aula e a pesquisa como um ateliê de intercâmbios. A discussão toma como ponto de partida a realização de um projeto extensionista universitário e suas conquistas ao longo de 4 (quatro) anos, estando elas ligadas ao conceito, à ocupação de espaço físico e ao trabalho a partir da elasticidade do ambiente compreendido como Ateliê. Desenvolvido no âmbito da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o projeto tem como diretrizes o estudo, a pesquisa e a prática do Teatro Lambe-lambe como um espaço de experienciação e experimentação de metodologias, materiais, processos criativos, didáticas e de formação expandida.

Palavras-Chave: Extensão Universitária; Arte; Teatro Lambe-lambe.

ABSTRACT

This article aims to discuss the proximity of the University Extension in Arts and the classroom as an exchange studio. The discussion takes as its starting point the realization of a university's extension project and its achievements over 4 (four) years, which are linked to the concept, the occupation of physical space and the work based on the elasticity of the environment understood as the Studio. Developed at the State University of Amazonas (UEA), the project's guidelines are the study, research and practice of the Lambe-lambe Theater as space for experiencing and experimenting methodologies, materials, creative processes, didactics and expanded training.

Keywords: University Extension; Art; Lambe-lambe Theater.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

A reflexão que a Revista Arte da Cena nos provoca nessa edição, olhar para a extensão universitária como espaço de intercâmbio entre a Arte e Sociedade, nos leva a discutir a importância da ampliação da sala de aula para a experimentação e a produção artística que nos faz dialogar com a sociedade. Também vem de encontro à reconfiguração da docência superior pós-pandemia e às diretrizes que as Instituições de Ensino Superior se debruçam para a curricularização da extensão nas matrizes curriculares dos cursos superiores.

Tal como a Educação Básica, o Ensino Superior também enfrenta desafios para criar "lugares" (físicos e conceituais) para o desenvolvimento do conjunto de experiências que ampliam os conhecimentos da sala de aula e dialogam com as pesquisas e com a comunidade.

Assim, me dedico, primeiramente, a situar meu espaço geográfico de atuação: falo de um lugar em que o artístico e o pedagógico, o experimental e a investigação, a academia e a comunidade estão costurados de maneira interdependente.

Sou professora de Teatro e minhas áreas de atuação são a cenografia, os figurinos, as formas animadas, a história da arte e o teatro infantojuvenil – todos componentes cuja experimentação é a rota para o ensino e a aprendizagem, sejam elas destinadas ao Ensino Superior ou à Educação Básica, pois atuo tanto na formação dos bacharéis quanto dos licenciados.

Na Região Norte, o ensino de arte ainda é incipiente nos sistemas de ensino, tanto pela carência de professores como pelas políticas públicas que consideram o componente de menor importância, e o tratam, muitas vezes, como preenchimento de carga horária de professores de outras áreas do conhecimento. Tal conduta acarreta pouca proximidade e intimidade com a arte, conforme explica Caregnato (2023, p. 30), às crianças, adolescentes e jovens que, com

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

As aulas de Arte, especialmente quando focadas sobre o ensino de Artes Visuais e ministradas por professores sem formação específica, frequentemente apelam para princípios do não diretivismo. São comuns nas escolas brasileiras atividades livres como o desenho, a pintura, a colagem de sucatas ou a modelagem em massinha. Nessas atividades, os alunos são apresentados a uma série de materiais e convidados a produzir "algo criativo". Nenhum conteúdo específico é abordado pelo professor, já que os próprios conteúdos deixam de ter importância na perspectiva não-diretiva. Os estudantes trabalham, dessa forma, sem nenhum direcionamento, e o professor passa a agir como facilitador que não exerce autoridade sobre os alunos, que não dialoga propondo outras alternativas de representação e que aceita incondicionalmente qualquer produção, alegando – nem sempre com sinceridade – sua beleza. As imagens ou objetos produzidos pelos estudantes nessas atividades livres são frequentemente estereotipadas. Ao estimular esse tipo de trabalho, muitos professores acreditam estar contribuindo para a autoexpressão do estudante e para o desenvolvimento da sua "criatividade" – palavra esta que se tornou modismo e foi esvaziada de sentido.

Na ausência de direcionamento especializado e no esvaziamento de sentido da palavra "criatividade" deixamos de sentir a Arte permeada na nossa sociedade e, consequentemente, de vivenciá-la como parte intrínseca do nosso cotidiano, como se os conhecimentos oriundos dela não nos pertencessem.

Nessa direção, ao confrontarmos as visões progressistas (John Dewey) e não-diretivistas (Carol Rogers), observamos que ambas acenam para a experimentação como fio condutor da aprendizagem, contudo, entendemos, que a experimentação deve estar atrelada aos estudos teóricos e à investigação como caminhos do aprendizado. Rubem Alves (2005) nos apoia quando diz que o desejo motiva a aprendizagem, sendo necessário, então, criarmos elos que unem aquilo que queremos estudar com nosso cotidiano, de

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

forma a tornarem-se uma aprendizagem que nos proporcione crescer nos conhecimentos e nas relações com a sociedade.

Como observadora do ambiente acadêmico-amazônico, apreendo que os estudantes, ao adentrarem à Universidade, experimentam a Arte como possibilidade de encontro com sua cultura e o seu próprio "eu", tal como a arte-educadora Ana Mae Barbosa (2002, p. 16), defende: "a Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país" e, assim, entendemos, que os projetos de extensão universitárias nos ajudam a colar os interesses de estudo às nossas necessidades cotidianas.

As ideias de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade moldaram a visão de Ana Mae Barbosa, de que a Arte não é apenas técnica, mas uma forma de ler e interpretar o mundo, que refletiu numa mudança positiva em todo o processo de ensino e aprendizagem em Arte no Brasil. As contribuições do pensamento de Paulo Freire para os estudos sobre as teorias pedagógicas da educação e a Abordagem Triangular para o ensino de Arte de Ana Mae Barbosa dialogam intrinsicamente, pois entendemos que educamos para autonomia, integração social e apropriação de saberes para que na Arte, a construção do conhecimento e a produção revelem sujeitos que atuem no mundo que não foi feito por eles (Freire, 1996, p. 121).

A aproximação das teorias de Paulo Freire e de Ana Mae Barbosa explicam o interesse dos discentes-participantes no Projeto Teatro Lambe-lambe, pois, ao adentrarem a Universidade, os estudantes tomam consciência de que o estudo, a pesquisa e a experiência em Arte os empoderam e os capacitam para uma cidadania crítica e engajada às questões sociais e artísticas. Ao perceberem as várias potencialidades que a Arte pode oferecer, esses estudantes desenvolvem nos intercâmbios de saberes entre o ensino, a pesquisa e o encontro com a sociedade, suas capacidades criadoras como estratégias para solucionar problemas sociais que afetam as

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

comunidades onde realizam as ações extensionistas para além do campo da arte.

Na proposta de discutirmos a sala de aula e a extensão como espaços elásticos de intercâmbio entre homem e sociedade, compreendemos que os projetos extensionistas que desenvolvemos nas Universidades estão intrínsecos na formação dos futuros bacharéis e licenciados, pois além do compromisso de diálogo com a sociedade é, também, um espaço de experienciação e experimentação de metodologias, materiais, processos criativos, didáticas e de formação expandida.

Nesta direção, coordeno o Projeto de Extensão Universitária, intitulado "Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática", na Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, cujo objetivo é o estudo, a pesquisa e a prática da linguagem do Teatro Lambe-lambe e das Formas Animadas para sua popularização no Amazonas. Trata-se de um projeto que está em sua quarta edição e que, pela sua repercussão acadêmica e social, possibilitou a conquista de uma sala de trabalho exclusiva para seu desenvolvimento, é uma grande conquista considerando a insuficiência de espaços físicos que as Universidades públicas enfrentam. Nesse espaço, confeccionamos bonecos, fantoches, desenvolvemos dramaturgias e criamos casas de espetáculos de Teatro Lambe-lambe. É importante salientar que compõe a matriz curricular do Curso de Teatro o componente de Formas Animadas, cuja carga horária é de 60 horas; nesse tempo, os discentes são estimulados (nas teorias e em algumas práticas) a conhecerem e experimentarem algumas das manifestações das formas animadas, e suas possibilidades de intersecção com as produções de teatro com atores.

O projeto de extensão amplia o tempo em que os discentes, que se identificam com a linguagem das Formas Animadas, em especial o Teatro Lambe-lambe, podem se dedicar ao desenvolvimento de processos artísticos que são compartilhados com a comunidade. Temos o privilégio de ter uma

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

sala exclusiva para o trabalho prático, armazenamento de materiais, atendimento em Portas Abertas – onde recebemos estudantes da Educação Básica, oferecemos oficinas, apresentamos espetáculos e firmamos parcerias com outros projetos.

Assim, nossa sala de trabalho compreende a extensão dos aprendizados do teatro de atores contidos no Curso de Teatro, e a exploração de técnicas específicas do Teatro de Formas Animadas; trata-se, portanto, de um espaço de experimentação que provoca os participantes a estudarem as técnicas de manipulação e confecção e pesquisarem processos de criação dramatúrgica da linguagem do Teatro Lambe-lambe, colocando-as em prática em seus processos criativos. Contamos ainda com o apoio de 24 (vinte e quatro) artistas, de 8 (oito) estados brasileiros, como tutores desses processos; essas trocas são de vital importância, uma vez que o Teatro de Formas Animadas, e especialmente o Teatro Lambe-lambe, em Manaus, não possui uma tradição e os poucos artistas que se dedicam à essa arte são oriundos de aprendizados empíricos ou com mestres populares.

Esse projeto é uma extensão prática que, além de dialogar com os componentes que compõem a matriz curricular do Curso de Teatro, se consolida na perspectiva de refletirmos o lugar do estudante artista dentro da Universidade, mas também como pesquisador e multiplicador, uma vez que temos o compromisso de desenvolvimento de oficinas direcionadas a estudantes e professores das escolas públicas, sejam elas urbanas ou rurais, rodoviárias ou ribeirinhas.

Outra questão que ecoa em nossas experimentações tange às temáticas que o meio ambiente amazônico nos provoca: suas lendas, condições climáticas, geografia, modos de vida, etc., ou seja, a Arte nos instrumentaliza para nossa expressão pessoal e nosso diálogo social, utilizando o Teatro Lambe-lambe como meio de comunicação.

Compreendemos nossa sala de trabalhos na perspectiva do conceito de Ateliê como

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

> espaço que remonta as funções primordiais em um processo de construção artística, servindo como suporte para experimentações estéticas, exposições de materialidades, reflexões sobre forma-conteúdo, apreciações de obras de arte, entre outros, comumente associados à linguagem das artes plásticas, mas estimulantes às demais linguagens (Pereira, 2016, p. 9).

Na sequência de estímulo às demais linguagens, para além das Artes Visuais, ousamos, assim, atribuir ao espaço, físico e conceitual, em que desenvolvemos nossas ações extensionistas através do Projeto a denominação de Ateliê; como será sentido no decorrer desse diálogo que aborda a utilização e o gerenciamento das logísticas que demandam esse espaço com funções próprias enquanto Ateliê voltado às práticas teatrais e das formas animadas. O desenvolvimento do projeto segue bastante atrelado ao conceito de Ateliê, não só pelo espaço físico, mas especialmente como espaço de autoconhecimento e de relações comunitárias que fortalecem as poéticas individuais.

No desenvolvimento do projeto estamos vinculados às Pedagogias do Encontro, da Educação Sensível e da simbiose proposta pela Escola da Ponte de Portugal, pois nossa rotina se estabelece como um "empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças [discentes] estão a aprender valores" (Alves, 2005, p. 5). Colaborando, Goreti do Nascimento Pereira (2016) a partir da sua experiência na criação de um Ateliê em uma escola Pública, partilha que sua busca esteve pautada por

> um espaço escolar que afete, que produza materiais artísticos e que dialogue mais amplamente com a comunidade. Alguns locais e experiências existentes serviram como base de reflexão na constituição da pesquisa. A Escola da Ponte foi uma referência no que diz respeito o gerenciamento de pessoas, do espaço e das aprendizagens, tendo como premissa uma educação para a liberdade, pautando-se na autonomia e na construção do sujeito (p. 29-30).

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

Nossa rota segue nessa direção, pois desejamos mais que um espaço de estudo, estamos empenhados em construir possibilidade de autoaprendizagem através das experienciações e experimentações, vivenciando também nossa forma de estar e de trazer a comunidade para essa sala-ateliê. Ir à comunidade divulga nossos estudos, mas trazê-la à nossa unidade universitária é uma estratégia para inspirar os jovens nos estudos, compreendendo que a universidade é um sonho possível e caminho natural a ser trilhado por eles. Procuramos, assim, promover um certo deslumbramento pela nossa sala-ateliê através da exposição de nossos trabalhos, bonecos e Casas de Espetáculos, como parte dessa estratégia.

Para nós, a potencialidade do projeto ser desenvolvido atrelado ao modelo de Ateliê, compreende, também, um movimento multiculturalista, posto que, aborda diferentes meios de expressão artística – uma vez que o teatro reúne as Artes Visuais, a Dança, a Música, a Arquitetura, etc.— e se contextualiza como produto das diferentes culturas que circulam no Amazonas, legitimando as problemáticas vivenciadas pelos participantes do projeto.

São 15 estudantes do Ensino Superior, oriundos da capital e do interior do estado, que se apresentam como uma vitrine intercultural de seres e saberes que são incorporados nos processos de criação de cada um. Entretanto, essa diversidade exige que nosso trabalho considere as relações interpessoais como parte intrínseca das aprendizagens que desejamos desenvolver. Para inspirar o trabalho coletivo, realizamos, primeiramente o resgate dessas relações, que algumas vezes estão empobrecidas pela saturação do uso de redes sociais, tal como, a timidez para a conversa presencial, a inibição para falar de si, excesso de informações e escassez de conhecimento, etc. Segundo Ernest Fisher (1967, p. 13), "a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias". Nesse sentido, é nossa preocupação desenvolver um resgate humano

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

pelo viés da Arte como lugar de valorização do coletivo, do direito à espontaneidade, e da relevância das memórias individuais e do imaginário coletivo que cada participante carrega em seu alforje.

Nossa dinâmica de trabalho é dividida em 3 (três) etapas de desenvolvimento ao longo de 12 meses, considerando que anualmente trocamos os alunos bolsistas: na 1ª etapa, auxiliamos o discente a compreender a Universidade e as novas relações interpessoais necessárias à vida universitária saudável; na 2ª etapa, direcionamos ao estudo das técnicas, teorias e processos criativos do Teatro Lambe-lambe; e, na 3ª etapa, buscamos interagir com a sociedade através da circulação de Casas de Espetáculos e a realização de oficinas.

Assim, no primeiro momento, vamos entender a Universidade como uma incubadora social, cujos olhares estão mais centrados no ensino e na aprendizagem a partir do básico, não nos preocupando com a produção científica de alto nível, ou seja, trilhamos um caminho em que o mais importante não é aprender, mas aprender a aprender (Saviani, 1985), e que o valor não está no que é produzido, mas no desenvolvimento do sujeito (Arriaga, 2005) através da arte.

Trata-se de uma etapa em que procuramos desenvolver relações que tragam **sentido** para o participante do projeto, relações essas que dialoguem com sua realidade e que o integrem ao coletivo, para assim, "com-partilhar conhecimentos e integrar os diversos saberes em suas múltiplas áreas, pois não há saberes menores e maiores, apenas diversos" (Madiel, 2020). Esse trajeto está baseado na Pedagogia do Encontro e segue pelo viés da **construção colaborativa**, em que "não há exclusão ou manipulação, o aprendizado é construído tendo por base a valorização de todos os sujeitos envolvidos" (Madiel, 2020), respeitando as diferenças de forma generosa e, assim, construindo outros caminhos de ensino e aprendizagem para todos.

A partir do momento em que as relações interpessoais estão fortalecidas, nos debruçamos, verdadeiramente, no processo de estudo;

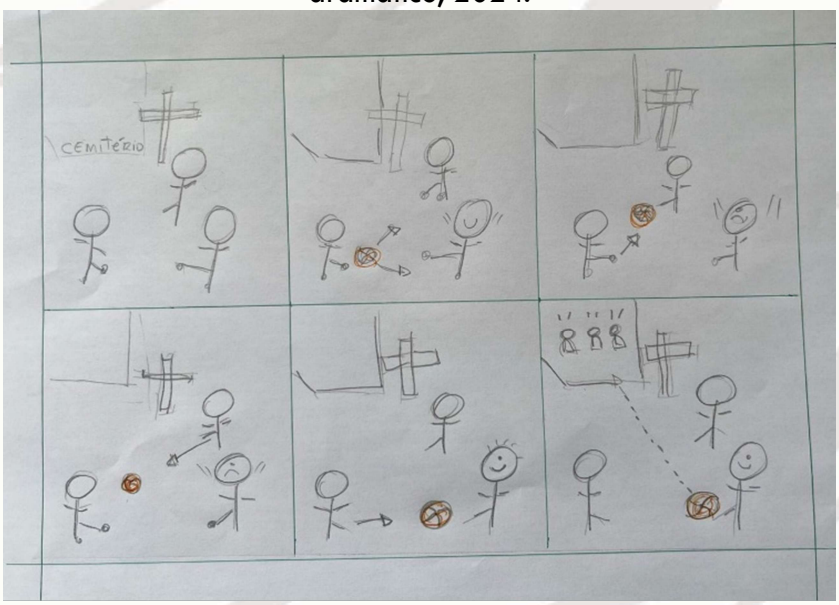
ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

experimentação e prática do Teatro Lambe-lambe (etapa 2). Seguindo a Pedagogia do Encontro, reforçamos o sentir e o saber como elementos interligados e inseparáveis e, assim, os processos artísticos tomam força e a sala de aula deixa de ser um estoque de conhecimentos para se ressignificar em experienciação e experimentação, tal como entendemos um Ateliê.

Convencidos de que não há aquele que ensina e aquele que aprende, mas que há o ensino partilhado e a aprendizagem coletiva, estabelecemos nossa dinâmica interativa das trocas de saberes e fazeres, pois, segundo Benincá e Manfio (2015, p. 241), "a construção do conhecimento a partir de uma relação de simbiose das práticas e saberes populares com o *modus operandi* e os saberes acadêmicos se constitui no eixo central da proposta das pedagogias do encontro".

Iniciamos, assim, o desenvolvimento dos processos de criação a partir da definição de temática, da concepção de espaço dramático e da elaboração de dramaturgias sintéticas, para tal, abraçamos a metodologia de construção de um *storyboard* com 06 (seis) quadros,

Figura 1 – *Storyboard* para a concepção de dramaturgia e espaço dramático, 2024.



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

Cada estudante cria sua história a partir de suas memórias, desejos e vivências, desenvolvendo uma simbiose da experimentação com seus saberes, ou seja, a metodologia do processo unida ao repertório individual ou coletivo de cada estudante e como cada um expressa sua criatividade.

Assim, coordenações motoras, autonomia da aprendizagem, relações interpessoais e sociais, resolução de problemas, resiliência e capacidade de trabalho coletivo são incentivados e exercitados como habilidades indispensáveis para a constituição da sala em um Ateliê, e de vivência com a Arte.

Vivenciar a Arte é um dos desafios do Projeto, pois, como já dito, nossos estudantes chegam à Universidade desprovidos de conhecimentos e experiências artísticas que o ensino da Arte proporciona, assim, coadunamos com Fisher (1967, p. 14) "para conseguir ser um artista, é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma".

Criatividade, originalidade e iniciativa são habilidades que almejamos despertar em nossos "artistas" lambelambeiros, de forma que desenvolvam processos artísticos que estejam comprometidos com a visibilidade da Arte junto à sociedade, e por "tornar social a sua individualidade" (Fisher, 1967, p. 13). Nesta direção, as salas de aula, ressignificadas em Ateliês, são espaços ideais para a inovação e disrupção do ensino e aprendizagem constituídos nos modelos engessados do século XIX. Conforme Pillotto (2007, s/p), "apesar das inúmeras pesquisas realizadas sobre métodos contemporâneos para a educação, ainda continuam priorizando em suas práticas um ensino e aprendizagem voltada ao pensamento linear, disciplinar e consequentemente fragmentado". É a disrupção dessas tendências que buscamos reconfigurar quando defendemos que os projetos de extensão são verdadeiros Ateliês de ensino, aprendizagem e encontro com a sociedade.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

Como coordenadora do Projeto Teatro Lambe-lambe, me questiono constantemente acerca de como ser uma impulsionadora de novas ideias; como transformar nossa sala em um espaço propício para o desenvolvimento do protagonismo social dos discentes; como amplificar a importância dos saberes ancestrais e locais que cada participante traz em sua bagagem de vida; e assim, me deparo muitas vezes com desafios que só através da Arte me é possível superá-los. São desafios que envolvem o relacionamento entre os discentes, as pressões acadêmicas, as defasagens de aprendizagem, as diferenças sociais, os preconceitos raciais, étnicos e de identidades de gêneros, entre outros. São esses desafios que me levam a concluir que o fazer artístico articula sensibilidades que transformam cada ocorrência numa perspectiva de saber melhor sobre o outro e sobre mim mesma, e que os questionamentos só são possíveis porque há a troca e estamos interessados no processo ensino e aprendizagem a partir do diálogo sensível.

A educação pelo sensível tem sido uma proposta de disrupção e tentativa de inovação para o ensino e aprendizagem contemporâneos; segundo Ostrower (1986, p. 10) "o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando", e nessa corrente de pensamento, Pillotto (2007) afirma que

> os processos de criação, nesta perspectiva, estão relacionados à sensibilidade e esta não é privilégio de artistas. É capacidade inerente a todos os seres humanos, mesmo em diferentes graus. Desta forma, é possível entender a criação como uma abertura permanente de entrada de sensações (p. 114).

Coadunamos com Pillotto (idem), pois nosso projeto deixa claro que não estamos formando artistas – no sentido daqueles que atendem os interesses das elites, mas, juntos, estamos nos descobrindo, nos preparando para sermos protagonistas de mudanças sociais e que para isso o cognitivo e o sensível de cada um devem ser exercitados e externalizados,

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

> Em outras palavras, podemos dizer que o ato criador envolve aspectos teóricos e práticos, ou seja, ativamos pensamento, corpo, espaço, movimento e ação.
>
> Quando isso acontece? Podemos dizer que praticamente todos os processos de criação começam em estado de profunda inquietação e tensão – na região da pura sensibilidade. É quase uma busca que se inicia com um tatear no escuro. Não por nossas indecisões, ao contrário, requer de nós, imensa coragem para entregarmos verdadeiramente a incertezas e questionamentos, para os quais não existem perguntas ou respostas prontas ou definitivas. (p. 115).

Durante os 4 (quatro) anos em que estamos tateando o escuro (2021 a 2025), observamos que todo o processo de criação no Teatro Lambe-lambe carrega a experiência de vida de cada discente-artista-pesquisador, pois "cada um de nós só pode falar em nome de suas próprias experiências e a partir de sua própria visão de mundo" (Pillotto, 2007, p. 116).

Tirar a ideia do papel (*storyboard*) e colocar a mão na massa, construindo a Casa de Espetáculo, é um exercício individual e ao mesmo tempo coletivo, vamos experimentando, refazendo, discutindo e nos alimentando de outros olhares sobre os mesmos objetos; interessados em contar nossas histórias sem esquecermos que o fazemos para uma troca lúdica e pessoal com o espectador.

Essa etapa é bastante reveladora e nela entendemos a importância de um espaço físico que proporcione condições de segurança, salubridade, harmonia e generosidade ao estudante; onde o tempo não é de 50 minutos de aula, mas é o tempo que cada um precisa para desenvolver seu processo artístico. O projeto de extensão ocupa, dentro das instalações da Escola Superior de Artes e Turismo (UEA), uma sala de 35m², refrigerada, com bancada e pia, prateleiras e armários; para muitos tratam-se de instalações físicas, porém, para os integrantes do projeto, trata-se de um espaço de criação e desenvolvimento humano.

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

Figura 2 – Vista geral da sala Ariano Suassuna onde está instalado o Projeto de Extensão Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática.

Fonte: Acervo do Acervo do Projeto de Extensão Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática.

Acreditamos que o Projeto oportuniza a celebração de encontros não só daqueles que se unem na produção, mas também naqueles que fruem com os processos desenvolvidos. Se no desenvolvimento dos processos criativos comungamos projetos de vida mais humanos, na circulação do Teatro Lambe-lambe também potencializamos encontros qualitativos, que se realizam nas ruas, nas praças, nas escolas, com público diverso, na perspectiva de "desmistificar a aura elitista que os edifícios impregnam nos espetáculos engessados em horários pré-estabelecidos (...), de maneira generosa e incansável, pois vai ao encontro do público (..)" (Camargo; Cliquet; Pozzetti, 2024, p. 146).

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

Figuras 3 e 4 – Circulação de espetáculos

Fonte: Acervo do Acervo do Projeto de Extensão Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática.

Segundo Cliquet, Pozzetti e Rosa (2024, p. 29), "a forma reduzida da Casa de Espetáculos não diminui o potencial que o teatro Lambe-lambe tem como linguagem. É uma Casa de Espetáculo que comporta segredos que só podem ser descobertos a partir do olhar de quem se dispõe a espiar pelo orifício". Tal como o Teatro Lambe-lambe, que é um espaço de olhar, sentir, experimentar e comungar a Extensão Universitária, deve ser um lugar de trocas, sensibilidade, experimentação e comunhão em que os segredos se revelam a partir da difusão de conhecimentos.

Considerações Finais

Cada vez mais observamos que a vida se encontra com a Arte, em todas as esferas, seja no conjunto de experiências que vivemos, seja no desejo de se descobrir e de ser. Considerando o universo de tutoriais, blogs, etc. que o mundo digital nos oferece, podemos observar a superficialidade de conhecimentos que discentes carregam como verdades em suas produções artísticas e investigativas. Assim, a possibilidade de trabalharmos em ambientes sensíveis às experienciações e experimentações, apoiadas em

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

investigações, figura-se como um respiro para as questões que promovem e provocam reflexões para as transformações das relações com a sociedade contemporânea.

A Arte, contemplada como patrimônio cultural da sociedade, não deveria necessitar de argumentos que a justifique nas instituições de ensino, sejam do ensino formal ou não formal, porque em ambos, de forma consciente ou inconsciente, é vivenciada como parte intrínseca do cotidiano (Almeida, 2012). Entendemos, assim, que a Extensão Universitária possibilita a prática da Arte nas suas mais diversas dimensões: como estudo e ação, como desenvolvimento do pensamento crítico e do diálogo com a sociedade.

Ao desenvolvermos a Extensão Universitária, no Projeto de Extensão Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática, acreditamos estar ampliando a formação e a sensibilidade estética nas dimensões do conhecer, do aprender, do ensinar, do ler e do produzir para, assim, discutirmos transformações necessárias ao homem contemporâneo.

Nosso Projeto, enquanto espaço estrutural, ainda não é o espaço ideal, mas é muito mais do que a grande maioria dos projetos extensionistas ou laboratórios constituídos em Universidades Públicas têm, e, porque entendemos isso, consideramos que o melhor lugar da Universidade do Estado do Amazonas é onde nos entregamos totalmente à criação artística e à descoberta de quem somos como pessoas, artistas, pesquisadores e transformadores sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. *In:* FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das Artes: construindo caminhos**. 10. ed. Campinas: Papirus: 2012.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

ARRIAGA, Imanol Agirre. **Teorias y prácticas em educación artística**. Barcelona: OCRAEDRO/UEB – Universidad Pública de Navarra, 2005.

BANZATO, Eduardo. **O Futuro do Trabalho**: Transformações e Desafios. Segundo o Fórum Econômico Mundial. 2025. Disponível em: https://blog.imam.com.br/futuro-trabalho/#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20%E2%80%9CThe%20Future%20of%20Jobs%202020%E2%80%9D%20concluiu%20que%20COVID,futuro%20do%20trabalho%E2%80%9D%20j%C3%A1%20chegou. Acesso em: 10 fev. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BENINCÁ, Dirceu; MANFIO, Antônio João. **Pedagogias do encontro:** síntese possível entre saber e fazer. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, p. 441-458, nov. 2015. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2399. Acesso em: 10 fev. 2025.

CAMARGO, César; CLIQUET, Cesar; POZZETTI, Gislaine Regina. O espectador do Teatro Lambe-lambe. *In*: POZZETTI, Gislaine. **Conversa lambelambeira:** o teatro lambe-lambe por seus praticantes. (org). Manaus: Editora UEA, 2024.

CAREGNATO, Caroline (org.). **Olhares sobre o Ensino de Arte em Manaus e região**. Manaus: Editora UEA, 2021.

CLIQUET, Daiene; POZZETTI, Gislaine; ROSA, Lourdes Maria. A Casa de Espetáculo Lambe-lambe. In: POZZETTI, Gislaine (org.). **Conversa lambelambeira:** o teatro lambe-lambe por seus praticantes. Manaus: Editora UEA, 2024.

CORDEIRO, Madiel. **Pedagogia do Encontro:** o que é e como o educador pode torná-la real, 2020. Disponível em: https://escoladainteligencia.com.br/blog/pedagogia-do-encontro/. Acesso em: 13 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 23.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FISHER, Ernest. **A necessidade da Arte:** uma interpretação marxista. Florianópolis: Editora Zahar, 1967.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.82457

OSTROWER, Faya. **Criatividade e Processos de Criação**. São Paulo: Editora Vozes, 1986.

PEREIRA, Maria Goreti do Nascimento. **Ateliê Escola:** um espaço de criação e fruição estética. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais / Curso de Teatro. Disponível em: https://www.ceart.udesc.br/arquivos/id_submenu/739/maria_pereira_artigo.pdf Acesso em: 13 fev. 2025.

PILLOTTO. Silvia Sell Duarte. Educação pelo sensível. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**. ISSN 1981 - 9943 Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113 - 127, mai./ago. 2007. Disponível em: https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/download/683/599#:~:text=Educar%20pelo%20e%20para%20o,mudan%C3%A7as%20em%20produ%C3%A7%C3%B5es%20de%20sentidos. Acesso em: 09 fev. 2025.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

*__Gislaine Regina Pozzetti__ é professora de Teatro na Universidade do Estado do Amazonas, doutora em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital, Mestra em Letras e Artes, pesquisadora, autora de livros, é professora permanente no Programa de Mestrado Profissional em Rede PROF-ARTES, Coordenadora do Curso de Produção Audiovisual e Coordenadora dos Projetos Teatro Lambe-lambe: estudo Pesquisa e prática e do Formas Animadas na Comunidade. Tem como área de atuação a cenografia, os figurinos, as formas animadas, a história da arte e o teatro infantojuvenil.